

Christo não volta (Resposta ao «Voltareis, ó Christo?» de Camillo Castello-Branco)

Alberto Pimentel

Project Gutenberg

The Project Gutenberg EBook of Christo não volta, by Alberto Pimentel

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.net

Title: Christo não volta
(Resposta ao «Voltareis, ó Christo?» de Camillo Castello-Branco)

Author: Alberto Pimentel

Release Date: May 15, 2010 [EBook #32381]

Language: Portuguese

*** START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK CHRISTO NÃO VOLTA ***

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

CHRISTO NÃO VOLTA

(Resposta ao «Voltareis, ó Christo?» de Camillo Castello-Branco)

NARRATIVA

POR

ALBERTO PIMENTEL

Meus Deus, envia e segunda vez á terra o vosso divino Filho!
Esta negridão gentilica é peor que a de ha dois mil annos.
N'aquelle tempo esperava-se; nas entranhas sociaes
estremecia o presentimento d'um regenerador... Hoje em dia,
nada, nada, ó altissima Providencia! Nada! Mas... voltareis, ó
Christo?

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

LIVRARIA INTERNACIONAL
DE

ERNESTO CHARDRON
96, Largo dos Clerigos, 98
PORTO

EUGENIO CHARDRON
4, Largo de S. Francisco, 4-A
BRAGA

1873.

PREÇO, 200 réis.

CHRISTO NÃO VOLTA

CHRISTO NÃO VOLTA

(Resposta ao «Voltareis, ó Christo?» de Camillo Castello-Branco)

NARRATIVA

POR

ALBERTO PIMENTEL

Meus Deus, enviae segunda vez á terra o vosso divino Filho!
Esta negridão gentilica é peor que a de ha dois mil annos.
N'aquelle tempo esperava-se; nas entranhas sociaes
estremecia o presentimento d'um regenerador... Hoje em dia,
nada, nada, ó altissima Providencia! Nada! Mas... voltareis, ó
Christo?

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

LIVRARIA INTERNACIONAL
DE

ERNESTO CHARDRON
96, Largo dos Clerigos, 98
PORTO

EUGENIO CHARDRON
4, Largo de S. Francisco, 4-A
BRAGA

1873.

PORTO: TYP. DE MANOEL JOSÉ PEREIRA
Rua de Santa Thereza, n.º 4 a 6.

Cartas enviadas ao «Primeiro de Janeiro»

I

Castello de Paiva, junho de 1873.

MEU AMIGO.

Como tem navegado Douro acima e conhece bem as planicies e montanhas que a uma e outra margem se encontram, umas espraçando-se ao nível da corrente, outras erguendo-se ameaçadoras e aridas para o ceo, não me dispense de contar-lhe um caso triste e verdadeiro, porque o presenciei eu, se bem que mal possa ser chronista, porque estou ainda na commoção da surpresa.

Encontrei-o no Porto, e disse-lhe que tinha de partir para Castello de Paiva. Effectivamente parti no dia fixado. Não jorneei por terra, o que seria incomparavelmente mais rapido, porque me julguei obrigado, a bem de meus proprios interesses, a acompanhar o barco carregado por minha conta. Larguei do caes da Ribeira, cerca{6} da meia noite, para aproveitar a maré até Pé de Moira. Obedeço a um pedido não declarando o dia. Cerca das onze horas da manhã estava em Pé de Moira, onde os marinheiros e arraes almoçaram, comendo uns peixes fritos na barraca de ramas de pinheiro, que o meu amigo conhece, e bebendo pela tradicional bilha de barro vermelho.

Ahi me prophetizou o arraes que o termo da viagem seria moroso, porque não havia vento e o barco ia muito carregado.

Resignei-me.

Armou-se um tolde com a vela, accendi o meu cachimbo, bebi tambem, e comecei a lêr os jornaes que trazia no bolso, disposto a viver sobre agua o tempo

que fosse preciso.

Oh! enfadonha coisa este ante-diluviano processo de locomoção! Digo ante-diluviano em rasão de Noé se ter salvo embarcado no dia da grande submersão da terra.

Li os jornaes de fio a pavio, como se diz não sei se em bom portuguez, reli-os, decorei-os. Cheguei a devorar os annuncios com uma soffreguidão de cannibal. Enguli e digiri todos os *barateiros* e todos os *precisa-se*. Compreendi então o que ha de profundamente triste em *precisar*; eu tambem precisava de chegar a casa o mais breve possivel e todavia a terra firme estava para mim como a agua para Tantalos. Vi-a; e tudo se ficava em vêl-a.

Foi-me anoitecendo ainda a grande distancia de casa. Custou-me a transigir com a necessidade de passar segunda noite no rio. Que me importava a mim o luar, a ardentia das aguas, as vaporações embalsamadas da natureza? Não sou poeta; já tive um pouco d'isso, é verdade,^{7} mas o que mais ambiciono presentemente é dormir na minha cama, comer á minha mesa, e calçar as minhas botas.

Finalmente não havia remedio senão conformar-me ás circumstancias; o homem nasceu para joguete; fui pois o que tem sido e ha de ser perpetuamente o meu semelhante.

Cerrou-se-nos inteiramente a noite ao sopé das Victoreiras. O arraes deu voz de lançar ferro; os marinheiros iam cansados de tirar o barco á sirga e logo saltaram em terra para queimar sobre gravetos o seu bacalhau. Puxei do meu taleigo e comi uma fatia de presunto de fiambre e outra fatia de queijo.

Depois que gregos e troyanos se banquetearam com o frugal repasto, tractou-se de acamar e dormir.

Os marinheiros acobertaram-se com as mantas e romperam, tarauteando pelos narizes, em hymnos a Morpheu. Eu é que não nasci pagão; fui remisso em render culto á tetrica divindade mythologica. Mexi-me, remexi-me, rebuli-me e por mais d'uma vez accendi o meu rolinho de viagem para dar batalha a pulgas, persevejos e demais bicharia, que passava dos marinheiros para mim e de mim para os marinheiros.

Cerca das onze horas da noite pareceu-me ouvir de repente o baque de um

corpo em terra, mas um segundo depois não pude duvidar ao ouvir um grito surdo como o de quem cahia contra o solo. Chamei afflictivamente os marinheiros, que despertaram roncando interrogações.

—Que foi? Que é? perguntaram elles.

—Ahi fóra cahiu gente!

—Quem havia de cahir, senhor!

—Ouvi distinctamente a queda, e um grito depois.{8}

—Um grito!

—Posso affirmar; ouvi gritar com toda a certeza.

Instiguei-os, pedi-lhes instantemente que me acompanhassem. Elles accenderam o seu lampeãozinho e seguiram-me. Fomos marinhando pelas fragas á procura d'agulha em palheiro. Os marinheiros começavam a rir alvarmente e a dizer que eu era dado a medo de bruxas. De repente pareceu-me porém ouvir gemer. Intimei silencio. Os marinheiros trocaram entre si um olhar ironico, que para logo se volveu credulo, porque distinctamente ouviram um gemido.

—É alma perdida! disse um com voz tremula.

—É naturalmente corpo perdido, objectei eu. Calem-se. Vamos a vêr se nos orientamos.

Apoz um longo intervallo, ouvimos gemer do novo, se bem que mais debilmente. Podemos orientar-nos. Eu marinhei á frente dos homens, arrancando da mão d'um a lanterna. A pequena distancia pareceu-me vêr um vulto estendido no chão. Baixei o lampeão e reconheci um corpo de mulher. Os marinheiros estavam attonitos e como que receiosos d'approximar-se. Fui eu quem, poisando o lampeão, levantou o corpo. E—surpreza extraordinaria!—vi uma bonita mulher, se bem que mortalmente pallida, nova, franzina, com o rosto ferido, ensanguentado. Estaria viva ou morta? Não sabiamos. A verdade é que estava fria como cadaver. Os marinheiros, capacitados de que não era bruxa, ajudaram-me a transportal-a ao barco. Deitamol-a, aspergimol-a, lavamos-lhe os ferimentos e nem tempo tivemos—eu pelo menos—para pensar no extraordinario do acontecimento. Hoje é que eu, ainda que mal, reflexiono e me

confirmando que não há romance que seja absurdo. {9}

II

A formosa desconhecida continuava a estar immovel e fria, apesar dos cuidados que lhe prodigalisamos e que, attentas as nossas circumstancias, não podiam ser completos.

Sabe que eu não sou piegas nem romantico,—o que significa o mesmo, porque o romantecismo é a pieguice do espirito—mas confesso-lhe francamente que me horrorisaram a solidão, a escuridade, a massa negra das aguas e a massa negra das serras, o desamparo do homem entre a agua que é fria e a rocha que é dura, entre ambas que são mudas e surdas,—finalmente, o desagasalho, a impossibilidade de encontrar soccorro!

Como o Douro me pareceu differente d'aquelle extenso e caudaloso rio nosso conhecido, meu e seu, quasi sempre placido, povoado de barcos, animado de cantares, marginado de casinhas e campanarios que de longe a longe^{10} se penduram das fragas, n'uma palavra, accidentado de tons variados e por mais d'uma vez festivos!

Ordinariamente, quando se viaja, tem-se saude. Vem a gente a lêr no barco, a fumar, a conversar os marinheiros, a incital-os a que cantem ao desafio, a comer a sua canja e a beber a sua pinga!

Nada nos apavora então! Quando o barco passa por baixo das Victoreiras, e se vê lá no alto, ameaçando eternamente despegar-se, aquella enorme avalanche negra, informe, nem siquer lembra que os fraguedos, que se encastellaram um dia, por uma evolução da natureza, podem rolar e precipitar-se alguma hora, por outra evolução imprevista. Contenta-se a gente com ouvir da bocca dos marinheiros uma tradição do sitio.

—Alli, dizem elles, é que os homens trahidos trazem as mulheres a despenhar-se.

Elles não dizem isto por estas palavras, mas digo eu. E a gente facilmente acredita que haja homens que se dêem ainda o incommodo de jornadas por algumas horas para despenhar as mulheres adúlteras, que já estão despenhadas, e que haja mulheres, que depois de conhecerem o vício, tenham a virtude de se deixar morrer!

A viagem pelo Douro, de dia, em boa disposição d'espírito e corpo, tem alguma coisa de idyllio, d'Arcadia, de crendice, coisas impossíveis de encontrar hoje em qualquer outra parte. É uma especie de Pantana, onde o carneiro assado parece saltar-nos aos dentes, e a borracha trepar-nos aos beiços, e onde a gente, olhando para as mãos, encontra cinco facas e cinco garfos! Onde é hoje que se póde encontrar a realidade d'este ideal de Pantana, a não ser n'uma viagem pelo Douro? Quem é hoje que come com^{11} a mão, desde que o Monteverde publicou o *Manual encyclopedico*, e nos exames do lyceu se ensina a dar ao queixo, quer dizer, a comer com as mandibulas?

Mas como o quadro muda de noite, santo Deus! quando terra, ceo e agua são escuros, e está ao pé de nós um corpo frio, immovel, quando o nosso espirito pergunta a si mesmo, para resolver um mysterio, se aquella mulher, formosa e inanimada, gentil e desconhecida, será morta ou viva!

E não haver um sal que se lhe dê a respirar! um espelho para lhe receber o halito, se ainda o tem! uma voz que nos anime! um espirito que comprehenda a nossa tribulação! porque os marinheiros do Douro são os puros cadeirinhas do rio! Fazem tudo mechanicamente; teem força: puxam por ella. Perdão, pelo que elles puxam é por nós, pelo barco, e por elles mesmos. Podiam ter nascido bois, e nasceram homens. Tambem os cadeirinhas podiam ter nascido burros de carga e nasceram gallegos. Que a natureza emendasse a mão em qualquer feitura humana, comprehende-se, porque tambem aquelle artista, que estava a fazer o demonio calcado pelo archanjo, mudou de tenção, por quebrar os chifres ao demonio, e aproveitou a esculptura para fazer um santo deitado.

O que é certo é que a natureza humana, tirante os marinheiros de riba-Doiro e os cidadãos de riba-Minho, é tão nobre, tão dedicada,—e perdoe-se-me a vaidade de a estudar em mim mesmo—que logo me esqueci da urgencia de abreviar a viagem, de descarregar em Castello de Paiva os meus generos, e concentrei todas as minhas attenções n'aquella mulher que não conhecia, que vagueava a deshoras por uma serra, com risco de rolar ao Douro,^{12} sósinha com a sua ideia, que era provavelmente uma grande dôr.

Permitta-me—entre parenthesis—que chame á *dôr* moral uma ideia e não um sentimento. Isto é philosophia minha. Quando se acorda pela manhã, e se *lembra* a gente do soffrimento da vespera, é que continua a *sentir* o que na vespera sentiu. E que tal! approva? Eu quando fui d'uma vez ao Porto, acompanhar o meu patricio Barros que ia fazer concurso para uma cadeira de philosophia n'um lyceu do sul, e ouvi argumentar um tal Albuquerque d'oculos verdes, adquirir a convicção de que tambem podia ser philosopho, mais pelo que ouvi ao Albuquerque do que pelo que ouvi ao Barros.

A verdade é, meu amigo, que a nossa alma verga ao perigo como o aço ao joelho.

Pozessem no meu barco um farrabraz, um mata-mouros, um espadachim, ao pé d'aquella mulher, e ainda que esse stentor não tivesse esposa, nem filha, nem —ó prodigio!—tivesse mãe, elle sentiria o que eu senti, a abnegação das situações anormaes, a ancia de valer a quem está carecido de soccorro, a necessidade de saber se aquella mulher estava morta ou viva!

Cobri-a com todas as mantas que havia no barco, as dos marinheiros e as minhas, a vêr se provocava a reacção; lembrei-me de que tinha aguardente comigo, friccionei-lhe os braços e os pés, e, ao agasalhal-a, ao conchegar-lhe a roupa, senti que tinha no bolso papeis.

Bem podia ser que alli estivesse a chave do enigma.{13}

III

Com quanto eu seja um pouco preguiçoso em escrever, e ainda hontem lhe tenha enviado a segunda carta sobre o extraordinario caso das Victoreiras, não posso resistir á tentação de voltar hoje ao assumpto para lhe communicar que por carta recebida agora do correio do Porto fui ameaçado de não sei que medonhos perigos no caso de proseguir na veridica historia da morta ou viva.

Em nenhum acto da minha vida blasono de valente, mas tambem não é meu costume recuar por cobarde. Continuarei pois a narrativa encetada, em proveito da humanidade, porque, repetindo o que dizia na primeira carta, é uma tremenda lição. E depois que ideia se fará no Porto da policia de Castello de Paiva? Julgarão isto sertão de feras, serra deserta, região ignorada? Eu não sei. O que posso affirmar é que a tenebrosa carta nem me cheirou a^{14} certidão d'obito, nem estou em terra onde a supradita carta, dado que eu fosse simplesmente poltrão, podesse converter-se em realidade impunementemente.

Não, meu amigo, eu protesto contra todas as mordças açaimadoras de escandalos. Isto assim não póde ser,—que triumphe sempre o forte e soffra sempre o fraco. Bem sei que é costume recatar os escandalos e, quando muito, publical-os desfigurados. Mas—erro imperdoavel!—o escandalo é muitas vezes a lição e algumas vezes póde ser a cura. É preciso que se espalhe, que se discuta, que se commente, com vagar, como eu estou fazendo, para que a precipitação não cegue o entendimento.

Este caso da morta ou viva tem surprehendido muita gente, mesmo em Castello de Paiva. Era eu a unica pessoa que estava na confidencia d'elle, porque fui a unica testemunha occular. A principio julguei dever guardar segredo. Ao cabo, porém, de muitas noites de insomnia, resolvi dar-lhe publicidade. Sabido apenas por mim, não aproveitaria a ninguem; divulgado, algum proveito poderá levar á sociedade.

Ha que tempos se anda ahi a fallar da emancipação da mulher! Mentira, hypocrisia, infamia!

A sociedade lança mão da these-emancipação para mais escravisar a mulher, como os governos costumam exhibir o rotulo *melhoramentos materiaes* quando tentam vexar os povos com novos tributos.

Querem estes philosophos de má morte emendar a natureza. A mulher não nasceu para *senhora* nem para *escrava*; a mulher é companheira. Como esta palavra está a dizer, ella deve compartilhar connosco alegrias e dores, risos e lagrimas, flores e espinhos. Fallar-lhe em emancipação^{15} é suppor que havemos sido despotas ao ponto de lhe roubarmos a liberdade relativa que lhe deviamos ter dado, e que lhe queremos restituir; é proclamar a nossa propria vileza; é arrogar-nos fatuamente a importancia de libertadores do genero humano. Escravisal-a é aviltar nossos filhos até á condição de filhos d'escrava e julgarmo-nos nós mesmos nas circumstancias de nossos filhos.

Não ha emancipação nem escravidão: o que deve haver simplesmente é sociedade conjugal.

Portanto eu, philosopho montanhez, estarei sempre na brecha para atacar qualquer das duas falsidades, qualquer dos dois extremos, que são viciosos, estando pois a virtude mais uma vez no meio-termo.

Estas cartas são um brado ardente contra o aviltamento da mulher, cuja honra se quer subjeitar a um capricho, esquecendo-nos de que deshonrando-a a ella nos deshonramos a nós mesmos. Não façamos da mulher a guitarra com que nos recreamos durante uma serenata e que ao romper do dia, ebrios de mau vinho e mau prazer, atiramos pela janella fóra. Quem a recolherá depois de a vêr no monturo? O trapeiro, apenas. E todavia a guitarra era mimosa, quando suspirava ao luar; tinha uma voz doce e melodiosa que despertava vagos pensamentos na alma; podia ainda murmurar cadencias se continuasse a ser dedilhada por mãos delicadas. Mas nós, que a principio mal poisavamos os dedos nas cordas, que a julgavamos intermedio entre a nossa alma e a natureza, porque era ella, a guitarra, que estava fallando por nós e respondendo pela natureza, deixamos por ultimo cahir em cheio a mão sobre o fragil instrumento e fizemos estalar uma corda, que precedeu o estalar de todas as outras.^{16}

Pois a corda que estalou chamava-se—honra; depois d'ella estalaram todas as

outras, que se podem chamar—pundonor, brio, fé. A mulher, quando chega a este destino da guitarra, já não tem pundonor, porque não se peja de haver cahido; não tem brio, porque não pensa em rehabilitar-se; não tem fé, porque já não acredita na propria reabilitação nem na reabilitação das outras.

Vai, como a guitarra partida, para o muladar do trapeiro ou para a loja do adello.

Ou morre ou se vende.

Não, philosophos da philosophia de Mahomet, que sustentaes o *crê ou morres*, não, em nome de nossas mães, de nossas irmãs, de nossas esposas, de nossas filhas, havemos, nós, os que temos dignidade e coração, de quebrar aos vossos pés essas duas laminas d'aço cortante que limitam o vosso perfido dilemma. E como o havemos de fazer? Desvendando a mulher, avisando-a, apontando-lhe o exemplo.

Meu amigo,—perdoe-me esta dissertação que era precisa, depois de lhe haver annuciado a recepção d'uma carta ameaçadora, e previna os seus leitores de que eu d'aqui em diante entrarei directamente no assumpto.{17}

IV

Quer que lhe explique o meu demorado silencio?

Dias depois de publicada a terceira carta, recebo pelo correio outra de letra desconhecida.

Abro e leio:

«Ill.^{mo} snr:

«Vejo que é um homem esforçado e brioso, para quem todas as ameaças são nullas. Perdoe-me o havel-o comprehendido mal, tomando-o como pusillanime. Lance tudo á conta do meu desespero de me vêr justamente accusado em muitos relanços das suas cartas, e falsamente incriminado n'outros. Foi uma infamia, que a sua magnanimidade perdoará, e que o meu arrependimento redimirá. Peço-lhe porém—se alguma confiança lhe mereço ainda depois de perdoado—que me ouça, antes de continuar as suas cartas, para que, melhor informado, possa conhecer as particularidades da veridica narrativa. Um inconveniente obsta^{18} porém á minha ida a Castello de Paiva: é o ser uma terra muito pequena e açular eu a curiosidade do publico ocioso com a minha presença ahi, depois da publicação das suas cartas.

«N'esta conjuntura não será grosseira impertinencia pedir-lhe um sacrificio por amor da imparcialidade com que quer ser juiz na minha causa? Pois bem, ao magistrado que me tem de julgar perante a opinião publica, e que deve escutar com igual benevolencia reu e queixoso, exoro, supplico vivamente que se digne marcar sitio onde me possa dar audiencia para ouvir da minha justiça.

«Não receie ciladas. Se não fosse realmente um homem corajoso, lembrar-lhe-ia que prevenisse a authoridade da hora e local da entrevista.»

Respondi immediatamente:

«Ill.^{mo} snr:

«Tenho de ir a Penafiel depois d'amanhã. Portanto, se não quer ser visto, espere-me ás onze horas da noite na capella de S. Roque.

«Não receio ciladas. Deixemos a authoridade em paz.»

Fui.

Effectivamente pude orientar-me melhor nos episodios que precederam o caso das Victoreiras, o que de nenhum modo quer dizer que eu modificasse absolutamente o meu primeiro juizo.

Ainda assim cumpre-me restabelecer a verdade dos factos.

Da parte *d'elle* não houve a minima culpa no incidente d'aquella noite. Foi sim um grave erro da sua parte, o erro de ceder á loucura d'um momento, que deu logar a esse acto de desespero da formosa desconhecida.^{19}

Elle, porém, não estava avisado da fuga, como pude verificar pelo confronto dos depoimentos d'ambos.

O que é certo é que o vi chorar...

Nunca o seu coração está tão endurecido que não tenha a sensibilidade que refrigera com lagrimas as dôres intimas.

Todavia aguardemos o desfecho dos acontecimentos, esperando, como o dr. Pangloss, que tudo seja pelo melhor no melhor dos mundos.

Isto até aqui, meu amigo, foi para si.

D'aqui em diante vae proseguir a narrativa, reatando-se no ponto em que ficara, como se não se houvera dado este episodio que acabo de referir, e que todavia me permittirá ser mais explicito.

Senti, disse eu na segunda carta, que a desconhecida tinha no bolso papeis.

Só alli podia estar a chave do que para mim era enygma.

Mas, ao mesmo passo, um escrupulosito: Ser-me-ia permitlido lêr essa

correspondencia?

E logo a contrapôr-se ao escrupulosito uma reflexão: Não a traria ella comsigo, prevendo que as suas debilitadas forças lhe faltariam no caminho, para esclarecimento de quem quer que a encontrasse morta ou viva?

Resolvi lêr os papeis.

Eram um maço de cartas, atadas com torçal vermelho.

Á primeira vista, fiquei perplexo.

Reparando melhor, dei tino de haver entalado, entre o torçal e o rolo, um bilhete.

Esse devia ser o esclarecimento desejado.

Era, em verdade.^{20}

Dizia simplesmente isto:

«Chamo-me F., da casa de... vou para..., fugida á justa punição de meu pai e apenas confiada na protecção do pai de meu filho, que deve nascer se a morte não surprehender a mãe n'esta ousada resolução.

«Tu, que me lêres, perdoa-me.

«Se és pai, põe todos os teus cuidados na guarda de tuas filhas: se és mulher, e estás descida a iguaes abysmos, vê no espelho da minha desgraça a profundidade do teu erro.»

Tinha-se feito a luz.

Aquella mulher era filha d'um homem respeitabilissimo que ha muitos annos se soterrara n'umas serras do Douro depois de haver percorrido o mundo, semeando dinheiro e anedotas, batendo os melhores cavallos, baloiçando-se nos melhores tilburys, jogando, bebendo, reptando, apostando nas corridas, atirando aos pombos, pompeando nas aguas de Spa, debruçando-se n'um camarote da Grande Opera, merecendo referencias a Julio Janin, enchendo o mundo, o folhetim, o romance e até o theatro.

Ha quem diga que o nosso conhecido *Antony*, transportado do lar deshonrado para a scena igualmente deshonrada, fôra apenas uma copia desenhada pelo *crayon* ultra-romantico de Alexandre Dumas n'uma hora mais ultra-romantica que o proprio *crayon*.{21}

V

Finalmente, ao recolher d'uma das viagens ao estrangeiro, casou com uma senhora da primeira sociedade lisbonense. Quasi o surpreendeu o ser amado.

Não conhecia o amor senão da capa dos livros e dos *vaudevilles*. O casamento era para elle apenas uma comedia que vira em França e na qual homem e mulher se davam excellencia e cumprimentavam ao jantar. Pensava pouco mais ou menos em observar o regimen matrimonial da comedia, mas completamente se enganou, porque, sentindo-se amado, começou de encontrar no amor thesouros que lhe eram desconhecidos desde a mocidade. Atravessara o mundo, sem atravessar a familia: não conhecia o amor, porque só na familia o ha. A alegria das festas, fóra do lar, irradia como a espuma do *champagne* á luz de candelabros, mas entorna-se e dissipa-se como ella.

Suppunha elle haver-se apaixonado uma vez, aos vinte{22} annos. A 2 de abril de 1829, fazendo a primeira viagem a Pariz, ouvira cantar a Malibran, que era então a rainha da opera, n'um concerto matutino dado na rua Taitbout, em favor dos orphãos adoptados pela «Sociedade de moral christã.» Ficara doido, embriagado, e logo obteve uma apresentação á cantora, que o recebeu ao *dessert*.

N'essa mesma noite cantava a Malibran o papel de Desdemona no theatro dos Buffos. O theatro trasbordava de espectadores; a receita do espectáculo subiu ao algarismo de 18,000 francos.

Não obstante ser immensa a multidão, a cantora pareceu enxergal-o e distinguil-o com um sorriso,—d'estes sorrisos que as mulheres de theatro espalham como bilhetes de beneficio...

Isto acabou de enlouquecel-o. Todo o theatro tinha visto: a Malibran sorrira-lhe!

N'esse mesmo anno foi a cantora a Londres. Acompanhou-a, seguindo por

toda a parte o rastro de gloria que ella abrira ao passar por entre a admiração britannica.

Em janeiro de 1830, estavam ambos em Pariz: ella e elle.

Foi n'esse mez e anno que Pariz a ouviu cantar o segundo acto do *Matrimonio segreto*, com as duas maiores notabilidades cantantes da epocha,—a Sontag e a Damoreau-Cinti.

A vida do nosso *touriste* foi, durante o tempo que seguiu a Malibran, uma serie de viagens,—as mesmas que ella fazia,—de ceias, de *pic-nics*, de prazeres, que acabavam sempre ao amanhecer, porque os falsos sorrisos desmascarar-se-iam á luz da manhã, e, digamol-o tambem, foi um inferno de ciume.^{23}

Elle tinha tamanha emulação de quem lhe dava a ella um broche, como de quem lhe dava simplesmente um bravo. Isto, meu amigo, acho eu desarrasado; mas diga-me se não tenho razão, visto que vive em terra onde ha theatros.

Ora o nosso heroe, que, para maior facilidade, chamaremos X, julgava-se perdidamente amado, e perdidamente namorado.

Duplo erro!

O que lhe sustentava essa rosada illusão eram as flores, as luzes, os crystaes, as ovações, as perolas e os sorrisos da Malibran, o publico, as ceias, os bailes, toda essa vida exteriormente seductora, apenas architectada sobre este pedaço de vidro, que no mundo se chama a *gloria*.

Mas—desapontamento horrivel!—o pedacinho de vidro quebrou, cessaram as scintillações prismaticas, e o castello encantado desabou.

Foi n'esse mesmo anno de 1830 que a Malibran atou com o celebre violinista Beriot as intimas relações que os tornaram inseparaveis.

Foi n'uma ceia que elle soube a fatal noticia por intencional chocarrice de um conviva.

Esteve para erguer-se e reftar Beriot, mas Beriot era um homem serio, e não o havia offendido.

Desistiu.

Amou, corou, empallideceu, começou a tornar-se ridículo.

Malibran, que fez reparo no despeito do seu admirador, levantou-se e apresentou-lhe a Lablanche, que estava á mesa.

Coruscou no cerebro de X a ideia da vingança. Começou^{24} a galantear a Lablanche, a ponto de que em 1832 percorreram todos a Italia: Malibran, Lablanche, Beriot e X.

Já viu o meu amigo mais doida mocidade, mais desbaratada vida, e ao mesmo passo tamanha nudez d'alma ainda mesmo na epocha em que o corpo se envolve na ampla capa de D. Juan?

Um beneficio recebeu porém d'esse divagar pelos prazeres ruidosos. Saturou-se do mundo. Felizmente, a sua vinda a Lisboa facilitou-lhe o unico meio de conhecer a unica coisa que desconhecia,—a familia. Entrou no lar pela porta do casamento quando pela janella sahia a extravagancia ainda desgrehada das ceias e de charuto na bocca.

A proposito de charuto, meu amigo: de-me tempo de fumar um.^{25}

VI

Continuemos a fallar do pai da nossa gentil desconhecida.

Acabei o charuto: podemos conversar por um pouco.

O amor completou a regeneração que a experiencia do mundo principiara.

Casou.

No coração da esposa encontrou thesouros de raras virtudes. Alvoreceu-lhe em torno uma aurora de tão doce luz, que pela sua mesma suavidade desbancava as scintillações crystallinas das ceias, e os clarões que illuminavam em scena a figura da Malibran.

Toda a gente o presumia ainda rico: a verdade era que a realidade não correspondia á opinião publica.

Havia gastado como um principe russo. A capa de D. Juan não tem bolso, de modo que enquanto as mãos tangem o bandolim da aventura vai o dinheiro cahindo no chão. {26}

Casado, encarou com mais gravidade no seu futuro, e achou que não podia aguentar-se nas pompas de Lisboa.

O casamento tem quasi sempre isso de bom: desperta a consciencia adormecida pela crápula.

Pediu informações aos feitores, e as informações confirmaram a suspeita.

Chamou á puridade a esposa e disse-lhe:

—Perdoa-me, anjo, se te vou magoar com a minha primeira confidencia, mas

devo-te a verdade toda. Eu não sou tão rico como geralmente se supõe. Gastei muito, quasi esbanjei na sociedade o patrimonio da familia. Quero porém que tu vivas feliz, e para attingir a tua felicidade apenas encontro abertos dois caminhos: ou o trabalho honesto ou a tranquilla solidão. Se desejas viver no estrangeiro, poderei obter uma embaixada; mas se preferes viver no meu e teu paiz, temos que recolher-nos á provincia, e viver na doce tranquillidade que o mundo da capital não conhece. Só te peço que sejas franca. Decide, e a tua vontade será lei.

A resposta foi esta:

—Partiremos amanhã para o teu solar. A felicidade está onde a gente a tem; tel-a-hemos lá. A vida no estrangeiro seria a prolongação da tua mocidade; ora eu tenho direitos incontestaveis ao teu coração. Quero-o, pois. E onde melhor o possuirei do que na solidão do lar, onde, fechada a porta, seremos nós os unicos habitantes do nosso mundosinho de felicidade? Vamos lá, meu amigo. Nem sabes como me sinto alegre! Quanto mais te distancias do passado, menos ciumes terei d'elle. Vamos lá.

Foram.

O solar, construcção coeva dos primeiros tempos da^{27} monarchia, era mais acervo de ruinas que palacio de nobres. As pedras haviam-se desconjunctado, e a hera marinhava pelas fendas até ensombrar as janellas. Nos longos corredores havia a escuridão sinistra dos carcerees. As salas, denegridas pelo tempo, eram d'uma vastidão que punha medo. A mobilia, tão deteriorada como o edificio, tinha o aspecto funebre de phantasmas que á meia noite se fossem sentar encostados ás lousas do cemiterio. Os grandes contadores de pau preto negrejavam a pequenos intervallos como ossadas de gigantes carbonisadas em forja de cyclopes. Por entre a escuridão e o silencio da casa algum pipillar d'andorinhas, que penduraram o ninho entre as ruinas. Tambem ás vezes no cemiterio, no meio da concava sombra dos chorões, assim chilriam uns passarinhos que fogem quando presentem gente, porque estão habituados ao socego das campas.

As sombras da casaria deserta apavoraram a noiva de X. Uma noite uma coruja fôra piar a uma das janellas do solar. A pobre senhora estremeceu e chorou.

Acudiu o marido a abraçar-a meigamente.

—Tinha sido melhor, disse elle, optarmos pelo estrangeiro. Isto aqui é triste. Ainda se as andorinhas se não calassem de noite...

—São os nossos unicos amigos, respondeu a dama. Se esta casa não é completamente sepulcro, a ellas o devemos. Mas, meu amigo, as andorinhas me bastam para conforto. Eu chorei porque estava triste; não foi que tivesse medo. Não te inquietes...

—Não, anjo, não. É preciso sairmos d'aqui...

—Para o estrangeiro não, não?

—Socega, filha. Pois que estes montes te amedrontam^{28} menos que estas paredes, e que te resignas ao sacrificio, ficaremos. Limitar-nos-hemos a mudar de casa. Amanhã tractarei de ajustar a edificação d'um predio que tenha em conchego o que aqui perdemos em vastidão. Bem vês que mais nos aproximaremos ainda. Eu quero ouvir a tua voz a todo o instante. E depois, como sabes, o berço das creanças costuma ser pequenino, e tu vais ser mãe. A nossa nova casa será pois o berço de nosso filho. Escolho o laranjal. O vento que passar agitando as folhas embalará o berço... Queres?

—Se quero!^{29}

VII

Construída a casa ao centro do laranjal, entrava a felicidade pelas janellas com os murmurios e os olôres de fóra.

Ficara deserto o solar na eminencia em que assentava. Negrejava como o cavername de navio naufragado sobre rochas. Eram as ruínas do passado, os escombros do feudalismo que dormiam o seu somno de seculos; o *cottage* do laranjal era alegre como a liberdade extensiva a nobres e plebeus:—aos nobres, porque já lhes não pesava a tarefa de mandar; aos plebeus, porque já não eram servos de gleba.

As corujas invadiram as ruínas em competencia com as trepadeiras que bracejaram desaffogadamente, e as pavidas visões da esposa de X ficaram lá sepultadas para nunca mais a perturbarem enquanto costurava o enxovalzinho da creança que ia nascer.^{30}

O fidalgo pasmava do poder regenerador da familia, que lhe tinha raspado da alma a ultima lepra da extravagancia. Não via mais mundo do que aquelle. Andava a toda a hora a olhar para o berço vasio, ancioso de vêr sobre o travesseiro o relevo d'uma cabeça pequenina. Não faltava já o lençol de rendas nem a coberta de damasco: o que faltava era a creança. Pozessem alli dentro uma alma, e a felicidade ficaria completa.

Chegou finalmente o dia de se realizar o venturoso sonho. Desdobrou-se a cobertasinha adamascada, acamaram-se as rendas para não maguar o corpinho delicado, e ali dormiu a creança o primeiro somno velada pelo pai que nem ousava beijal-a para não a maguar.

Aos cinco annos a creança tinha já um portesinho senhoril que era de namorar os olhos. Muito redondo o vestidinho; os cabellos annelados e auri-luzentes; o pequenino corpo escondido na fita que lhe servia de cinto.

E chilreava, e esvoaçava, como se tivesse a casa por gaiola.

Á medida que a pequerrucha ia crescendo, crescia com ella o amor paternal. Sorriam de a vêr sorrir, e choravam de a vêr chorar.

O grande receio era de que morresse.

Esta é a loucura de todos os pais.

Querem roubar á tyrannia da morte uma vida que lhes não pertence. Esquecem-se de si mesmos para se absorverem n'uma existencia que não lhes é essencial, mas complementar.

Não a eduquem á revelia, deixando-a entregue aos instinctos bons e maus que nascem com ella. Visto que o filho é o complemento dos pais, completem-se pelo filho.^{31} Adaptem-n'o, quanto possivel, á sua maneira de pensar e sentir; façam d'elle a coda da santa melodia chamada familia. Não se riam de que a creança faça aquillo que elles nunca fizeram. Não lhe applaudam o bater com o pésinho no chão, o desfolhar as flores que lhe são defezas, o mexer nos objectos que devem respeitar. Bater com o pé no chão é a principio um movimento mechanico, nervoso. Com o decorrer do tempo corresponde ao movimento uma ideia má e um mau sentimento. Então esse acto já não é mechanico simplesmente; é a manifestação da raiva, do desespero, do odio. A esta perniciosa educação é preferivel a morte. As plantas novas tomam o geito que lhes dão. Deixem crescel-as sem enleial-as, que ellas assombrarão todo o pomar.

Ora o amor é cego, e não vê nada para fóra de si.

Foi isto o que aconteceu.

A creança cresceu com a mulher. Os pais, para que outro amor lh'a não roubassem, deram de mão a todas as visitas de gente moça. As unicas relações que se conservaram foram as do voltarete: eram duas. O capitão-mór tinha cincoenta e cinco annos; tinha além d'isto rheumatismo e oculos azues. O outro parceiro era um morgado de quarenta annos, que estivera em Pariz com o pai da menina e *servira de capa* a varias escaladas. Tinha casado e parecia um homem morto. O casamento tem tanto de bom como de mau: é como os carcereiros. A uns presos aproveita a reclusão; outros sahem da cadeia mais desmoralizados.

Os primeiros estavam representados em X; os segundos no morgado.

Bem casados e mal casados, diz o mundo.{32}

O amigo do fidalgo tinha *verve* e bigode: duas tentações.

Ainda sabia dar o laço da gravata: um mau symptoma.

Fumava charuto: um perigo.

Contava das suas viagens, dizia que tal cantora, que conhecera, tinha os olhos bonitos e as unhas feias; que o nariz da Malibran não era tão correcto como o pescoço: uma desgraça.

N'uma palavra: era entendedor.

A menina da casa, enquanto elles jogavam, estava por ali.

E o peor que podia acontecer n'aquella casa era o entendedor estar lá.

Por mais que elle quizesse dominar o seu temperamento, ser bom e digno, leal e cavalheiro, o coração, que estava comprimido nas reixas conjugaes, aproveitou a occasião e poz a cabeça fóra da grade a pedir esmola d'amor.

A inexperiente menina ouviu-o, sem saber o que fazia.

Tinham-n'a ensinado a não fugir d'aquelles dois homens: não fugiu.{33}

VIII

Mau é brincar com fogo: o incendio irrompe.

O amigo da casa começou a fazer reparo nas graças da menina, e achou que tinha os dentes alvissimos, os olhos formosos, os cabellos soberbos.

A menina, por sua parte, entrou de deixar-se influenciar agradavelmente pela amena eloquencia do unico homem estranho que fallava n'aquella casa.

Era elle o unico orador dos serões intimos; a unica voz que sobrepujava o fremito das cartas na mesa do voltarete.

Depois a menina lisongeava-se de que um homem, que tinha corrido o mundo, e conhecido mulheres celebres por talento e formosura, a conceituasse intelligente e gentil.

Estava-se preparando n'aquelle seroar despreoccupado a ruina de Troya.

O apartamento é um mau systema de educação. A borboleta, que não conhece o perigo da chamma, arroja-se á luz.^{34}

Era melhor tel-a avisado para que demorasse a morte quanto lhe fosse possivel.

Após as amabilidades vieram os galanteios, e após os galanteios as confidencias.

A menina ouviu e acreditou.

Começou-se a dizer por fóra que a menina era amada pelo morgado.

Só não o diziam, nem ouviam, os pais da menina e a esposa do morgado.

Decorreu tempo, e a menina deixou de sahir a passeio; ao mesmo tempo o morgado deixou de ser assiduo.

A menina fez-se triste; o morgado andava preocupado.

Luctavam ambos com a resolução do mesmo problema: encobrir uma vergonha commum.

Foi n'essa epocha que o morgado teve de ir ao Porto por causa de pleitos que se ventilavam nos tribunaes.

Pediu-lhe a menina que a tirasse da casa paterna, antes que rebentasse o escandalo.

O morgado prometteu demorar-se apenas alguns dias no Porto, e voltar depois de recolhidas grossas quantias, cujo embolço dependia da solução do pleito, a seu vêr bem encaminhado, para se passarem ambos a Hespanha.

Houve porém uma camponeza que os viu estarem-se despedindo em lugar afastado. Contou-o á noite á lareira. A revelação da camponesa espalhou-se. Chegou aos solares, e aos ouvidos da desventurosa esposa do morgado.

Pensou a infeliz senhora que poderia ainda atalhar o incendio, e mandou um portador com uma carta á mãe da menina.

Faltaram-lhe as forças para ir pessoalmente.{35}

Chegava o mensageiro a tempo que a menina estava chorando á janella do seu quarto.

O coração, que é sempre feiticeiro, adivinhou.

O mensageiro, que trazia recommendação, não fez caso.

Sahiu-lhe a menina ao encontro. Pediu-lhe com lagrimas nos olhos e na voz que lhe entregasse a carta e fosse dizer á morgada que a havia depositado nas mãos de sua mãe.

—Veja que me perde, podendo salvar-se com uma simples mentira! Se tivesse uma filha, seria mais clemente.

O mensageiro era pae: entregou-lhe a carta.

A menina leu-a, e cuidou morrer d'afflicção e vergonha.

Dizia a morgada que as senhoras da terra,—as quaes eram amantes de varios morgados casados,—já não levantariam o olhar, se a encontrassem nos caminhos, para a amante de seu marido.

Era um modo de dizer que o escandalo tinha estrondeado, e que Jesus Christo não voltaria mais ao mundo, porque nenhuma das voluntarias peccadoras se arreceiava de ser a primeira a apedrejar a peccadora incauta.

De feito, Christo ainda não voltou, nem já agora voltará, porque ainda os vendilhões da honra alheia entram ao templo da familia, e as mulheres adúlteras erguem vozes e pedras contra a que resvalou para o abysmo em que ellas estão.

A menina tratou de emmassar as cartas do morgado e de metter no seio o bilhetinho que já tivemos occasião de lêr.

Esperou que fosse noite, e metteu-se a caminho.

Onde ia a pobresinha?

Procurar o morgado ao Porto.

Foi andando, andando, rasgando os pés nas burguas{36} das serras, rompendo a escuridão, arquejante, timida do menor ruido, resoluta da coragem que dá o desespero, até que, cerca das onze horas da noite, cahiu extenuada ao sopé das Victoreiras.

N'este lance entronca a minha primeira carta bastante a explicar o mais que se passou.

Como se vê, o morgado não estava prevenido da fuga da menina e sob a afflicção da surpresa escrevera as ameaças da primeira carta que recebi.

A gentil desconhecida, como a principio eu lhe chamava, tornou em si depois de empregados muitos esforços para reanimal-a. Meu tio padre, chamado por mim precipitadamente, encarregou-se do piedoso encargo de recolher a menina em sua casa, e de negociar a sua entrada no convento de *, onde se enclausurará

depois que seja mãe.

O morgado, lendo casualmente no Porto uma das minhas cartas, publicadas no *Primeiro de Janeiro*, escreveu-me a impensada missiva e logo se deu pressa em partir, e em me convidar á entrevista que acceitei.

Tomará conta do filho, logo que nasça, e aproveitará decerto esta tremenda lição.

Ainda agora me não parece dislate repetir a pergunta: Morta ou viva?

Viva para si mesma, e morta para o mundo.

Que desgraça!

Ah! Christo não voltará outra vez; a ter de voltar, já se haveria amerciado de tantas misérias humanas!

FIM.

End of the Project Gutenberg EBook of Christo não volta, by Alberto Pimentel

*** END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK CHRISTO NÃO VOLTA ***

***** This file should be named 32381-h.htm or 32381-h.zip *****
This and all associated files of various formats will be found in:
<http://www.gutenberg.org/3/2/3/8/32381/>

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images
of public domain material from Google Book Search)

Updated editions will replace the previous one--the old editions
will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no
one owns a United States copyright in these works, so the Foundation
(and you!) can copy and distribute it in the United States without
permission and without paying copyright royalties. Special rules,
set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to
copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to
protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project
Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you
charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you
do not charge anything for copies of this eBook, complying with the

rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. They may be modified and printed and given away--you may do practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

*** START: FULL LICENSE ***

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase "Project Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg-tm License (available with this file or online at <http://gutenberg.net/license>).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation" or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is in the public domain in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in

a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country outside the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.net

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived from the public domain (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than "Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.net), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works

unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg-tm works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread public domain works in creating the Project Gutenberg-tm collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain "Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE

TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg-tm's goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation web page at <http://www.pgla.org>.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at <http://pglaf.org/fundraising>. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S. Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered throughout numerous locations. Its business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email business@pglaf.org. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's web site and official page at <http://pglaf.org>

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby
Chief Executive and Director
gbnewby@pglaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide spread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit <http://pglaf.org>

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: <http://pglaf.org/donate>

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm concept of a library of electronic works that could be freely shared

with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

<http://www.gutenberg.net>

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.